

Salvar a Amazônia

O cálculo é do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), que faz o inventário da contribuição brasileira para o aquecimento global: dos 4,5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia, cerca de 470 mil, mais de um décimo dessa região, já foram destruídos. Trata-se de área equivalente ao Estado da Bahia, que, devastada, será, segundo o MCT, a campeã entre os fatores nacionais que contribuem para o efeito estufa. Segundo as pesquisas, em 1995 a taxa de desmatamento amazônico bateu um recorde histórico. Registrou-se, então, o desaparecimento de 29 mil quilômetros quadrados de matas. Em 1996, os últimos dados disponíveis mostram a perda de mais 18,2 mil quilômetros quadrados de florestas, o equivalente a três vezes a área do Distrito Federal.

Estudos feitos recentemente por pesquisadores nacionais e estrangeiros revelaram que, na floresta amazônica, as espécies vegetais retinham boa parte do gás carbônico das queimadas e das emissões industriais.

Sucedo, porém, que a região não é devastada apenas pelas queimadas. As emissoras de televisão exibem, com frequência, reportagens sobre a ação incontrolável de empresas madeireiras e contrabandistas de madeiras, principalmente o mogno, na Amazônia.

Lamentavelmente, embora lhe caiba, no papel, o dever de proteger a imensa cobertura vegetal, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) não o fez, nem o faz, na medida desejável. É bem verdade que a entida-

de nunca dispôs de muitos recursos para cumprir a tarefa com eficiência, em espaços quase inacessíveis da região. Sob esse aspecto, a situação deve agravar-se ainda mais em 1999, pois o Ibama, em face da política de contenção de despesas públicas, perdeu quase 50% das dotações orçamentárias que receberia no próximo exercício. Além disso, o sistema de rastreamento de incêndios e atividades proibidas demanda apoio logístico de outros setores, também desprovidos de recursos.

De par com a destruição da reserva verde típica dos trópicos, num solo em geral pouco propício ao cultivo agrícola e à pecuária — o que contribuirá para elevar a temperatura da Terra no futuro — a exploração predatória tem outras conseqüências funestas para o Brasil. A destruição leva consigo a biodiversidade genética da região, fundamental para a descoberta de novos fármacos. E elimina talvez um fator decisivo, em termos geopolíticos, para o futuro do Brasil: a possibilidade de aproveitamento racional da biomassa dos tratos amazônicos, como combustível renovável, não poluente, capaz de substituir o petróleo.

Por tudo isso, enfim, é de se esperar que o Ibama e o Ministério do Meio Ambiente socorram e salvem a Amazônia brasileira. Cumprirão, assim, a missão idealista que a Carta de 1988 atribuiu aos brasileiros neste fim de milênio: o dever de preservar nosso patrimônio ambiental para as futuras gerações.